

# TERMINAL DE CARGA NÃO É ARMAZÉM PÚBLICO

N. 13/2/86

por Jorge Costa (texto) e César Bila (foto)

O armazém da terminal de carga das LAM, em Maputo, está completamente cheio e a situação levou a companhia a recusar, neste momento, a aceitação de mais carga para despachar. Se, por um lado, é certo que as LAM nem sempre conseguem encontrar as melhores soluções para movimentar

A questão fulcral, está em que como não há, ou há poucas alternativas ao transporte de carga, hoje tudo viaja por avião, de ponta a ponta do País e as coisas ficam depositadas na terminal de carga, porque esta é uma solução económica, segura e a mais prática para muitos.

Dá que pessoas que conseguem, há alguns meses, arranjar documentos justificativos de «prioridade» para a sua carga, hoje, instadas a levantar as encomendas, respondem: **Ainda não tive tempo. Hel-de-pensar nisso.**

Para nós, tudo começou com a publicação de uma foto-legenda, há cerca de um mês, onde se via um

sofá pousado na relva, no exterior da terminal de carga do Aeroporto Internacional de Maputo.

No mesmo dia da publicação, um funcionário da transportadora nacional telefonou-nos, convidando a visitar aquelas instalações para que se saiba o que aqui se passa.

Fomos. Entrar no armazém da terminal de carga das LAM foi um choque. Os produtos mais incríveis e variados estão espalhados por todo o lado, atravancando todos os espaços livres. São peças de mobiliário, chapas de madeira, colchões (a maior parte quase gastos e podres), peixeiras, motorizadas, motores completos e até conchas, peixe seco, amendoim, feijão, açúcar...

as cargas que recebem, por outro, quem visita aquele armazém fica ciente de que não é fácil gerir tão complexa e variada mercadoria, muito menos quando as embalagens apresentadas são frágeis, não apropriadas ou inexistentes.

Conosco permanecia até então, a ideia de que o transporte de carga por avião é dispendioso, que só se faz em casos extremamente urgentes e é preciso que o valor da mercadoria expedida cubra bem essa despesa suplementar.

Mas ali, esse conceito desmoronou-se, já que muitas das coisas que lá vimos (imagine-se que até mais de uma dezena de garrafas de gás vazias) não valem sequer o transporte de casa onde saíram até ao aeroporto.

A Direcção das LAM percebe a situação e justifica-a:

— A questão é que hoje o valor das coisas nem sempre é material. Compreendemos que alguém em Li-

chinga, mudando de casa, faça transportar o que tem pela única via prática, que é o avião. De qualquer forma, é preciso considerar que o nosso custo de transporte, legal, oficial e a dar lucro, é mais barato que, depois, o aluguer de uma carrinha para levar a mercadoria do aeroporto para a cidade — disse um responsável dos Serviços Comerciais da empresa.

## É MAIS BARATO PAGAR ARMAZENAGEM

Esta facilidade de transporte leva a que, inclusivamente, nas cidades favorecidas pela presença de portos, poucos sejam os que enviam a sua carga por via marítima, continuando a dar preferência ao avião.

— E certo que poderíamos fazer mais voos com o nosso avião cargueiro, descongestionando as terminais de carga das diversas capitais provinciais. Mas para nós estas viagens são caras, porque obrigam a um natural dispendio de combustível importado, que nos faz falta para os voos normais — diz o mesmo responsável das LAM que depois acrescentou: Podemos fazer voos extras e já o fizemos. Mas dias depois já tudo está na mesma, porque voltam a «chover» pressões para aceitarmos as cargas mais diversas.

Pedro Comissário da Silva, Chefe da terminal de carga, em Maputo, contou-nos vários casos de sua experiência em que as pessoas chegam a pedir para deixar as coisas na terminal, pagando armazenagem, porque esta é barata.

Há muitos casos em que a carga chega a uma cidade mas o mesmo não aconteceu ainda com o seu proprietário ou este não tem ainda casa. Assim, faz-se despercebido e deixa passar o tempo. Quando muito, aparece a pagar a armazenagem.

Contaram-nos que um responsável da Aviação Civil, ligou, em pessoa, para diversos números de telefone indicados como sendo os de proprietários de carga e, do outro lado do fio, responderam que sabiam da chegada das coisas mas não as

tinham levantado porque o transporte é caro ou porque ainda não tenho onde meter as coisas. Deixa-as ficar aí mais uns tempos, está bem?».

## FAZER LEILÃO DO QUE NÃO É LEVANTADO

Fizemos ontem idêntica experiência, com base numa relação fornecida pela terminal de carga, de pessoas que há mais de três meses estão a ser solicitadas para reclamar a propriedade do que despacharam.

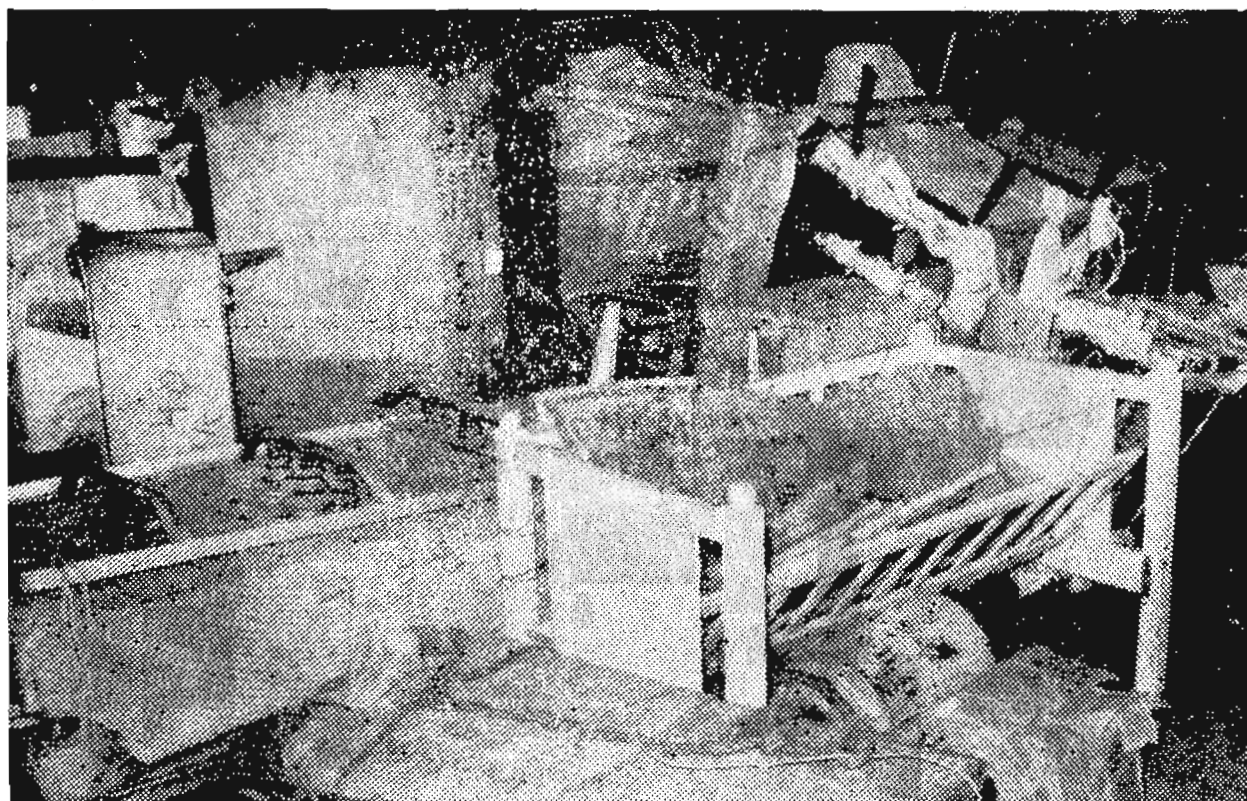
Ligámos o primeiro número e pedimos para falar com... Era a própria. Perguntámos se já não estava interessada em retirar os seus haveres. A resposta foi: **Sabe, ainda não tive tempo de ir aí. De qualquer forma, hoje não posso e amanhã também não. Apareço para a semana...**

Fizemos mais duas ligações e em cada uma, a mesma pergunta. A resposta imediata foi: **Vou já tratar disso.**

Fica claro que qualquer destas pessoas tinha já sido avisada da chegada da sua carga, tanto que nem sequer fez a pergunta mais elementar: de onde fala?

É Pedro Comissário da Silva que, agora, nos informa: **O nosso regulamento indica que, ao fim de 70 horas, a carga começa a pagar armazenagem e que esta, ao fim de três semanas, pode ser considerada abandonada e vendida em leilão ou pura e simplesmente deitado fora. Nós não temos feito isto, porque compreendemos algumas dificuldades das pessoas. Mas a situação aqui é de facto alarmante.**

Por nós, a medida correcta é que de facto, o regulamento seja aplicado. Até mesmo porque a presente situação conduz a outras questões como o desleixo e apatia em que acaba por cair a quem trabalha na terminal. A prova, é que a primeira vez que lá fomos chamámos a atenção para uma certa desarrumação e bastante sujidade dispersa no armazém. Passada uma semana e pouco ontem mesmo, já as instalações estavam limpas e tudo apresentava uma nova ordem e arrumação, salvo as cargas que, por serem muito antigas e não estarem embaladas, foi melhor não mexer, para não estragar mais.



Parte da carga retida na terminal de Carga do Aeroporto Internacional de Maputo. Há coisas que não valem sequer o valor do seu transporte